



O ENCONTRO NO PLANTÃO PSICOLÓGICO - SOBRE AFETAÇÕES DESASSOSSEGADAS

ANDREZZA SILVA DA SILVA¹; GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI²;

¹*Universidade Federal de Pelotas – andrezza.silva@live.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinski@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um recorte da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia sob orientação da Prof^a. Dr^a. Giovana Fagundes Luczinski. Surge através dos afetos desassossegados da prática em Plantão Psicológico realizada no estágio clínico na Unidade Básica de Saúde Bom Jesus, em Pelotas, RS. Entre as modalidades clínicas de atuação, o plantão psicológico surge como uma proposta contemporânea alinhada à lógica da clínica ampliada, bastante pertinente ao âmbito da saúde pública. Essa modalidade me convidou a adentrar a experiência do outro e fomentou, cada vez mais, conhecer seu *mundo vivido*, tanto para minha vivência clínica, quanto para o meu olhar mais sensível ao outro e seus/meus afetos.

O Plantão Psicológico é uma modalidade clínica de atendimento focal e esporádico, que oferece uma escuta voltada para a experiência do sujeito diante da problemática trazida. Isto é, o profissional oferece um suporte emocional e, assim uma possibilidade de reorganização psíquica, em que a escuta é voltada para promover um espaço em que o próprio sujeito cuide de sua condição existencial, proporcionando um lugar de "acolhimento, disponibilidade e cuidado" (DANTAS E DUTRA, 2016 p.234). Ter um atendimento psicológico disponível no momento em que ocorre uma demanda emocional urgente, diminui a ansiedade e a angústia, possibilitando o surgimento de recursos inerentes à pessoa para que ela busque soluções para seu impasse, promovendo encaminhamentos internos e externos melhor direcionados, pois são decididos conjuntamente entre plantonista e cliente (CURY, 1999). Considerado como possibilidade de atendimento emergencial, o plantão pode ocorrer em um único encontro ou desdobrar-se em outros, de acordo com a necessidade da pessoa que busca ajuda. Caso seja identificada uma demanda psicoterapêutica, são realizados os devidos encaminhamentos. Essa modalidade clínica contribui, entre outros fatores, para o enfrentamento das filas de espera nos atendimentos psicológicos, uma realidade neste campo de estágio. Isso facilita o fluxo dos atendimentos, tanto para quem procura o serviço, quanto para quem é encaminhado por algum profissional de saúde da UBS.

Nesse processo, o trabalho do/da plantonista consigo mesmo/a (e seus afetos) se torna um dos requisitos para sua formação na prática clínica, bem como o preparo teórico e o conhecimento do seu campo de atuação. Para este trabalho, tendo como contexto o Plantão Psicológico, brevemente explicado, se faz um recorte acerca dos afetos e afetamentos sentidos/vividos no encontro clínico. Como os afetos vividos no encontro com a alteridade repercutem em uma estagiária em formação? em que medida interferem no atendimento e em seu caráter terapêutico? Desta forma, por ser o Plantão Psicológico um campo amplo, podendo ser trabalho em múltiplos aspectos, os versos que me trouxeram até aqui se encontram no campo dos afetos e neste instante trabalha-se os conceitos.



2. METODOLOGIA

A metodologia deste estudo se embasa no método fenomenológico, uma corrente teórico-filosófica apropriada para pesquisar cientificamente as vivências humanas. A fenomenologia surgiu no campo da Filosofia como caminho que permite chegar à essência dos fenômenos de modo a produzir conhecimento. No campo da Psicologia, a essência se relaciona à apreensão do sentido ou significado da experiência para a pessoa em certas circunstâncias, por ela experienciada. Como FORGHIERI (2002) explicita “O sujeito, além de viver em determinado lugar, tem consciência de sua própria vida e dos entes com os quais se relaciona, atribuindo significado aos acontecimentos de sua existência” (p. 57). O sentido que o sujeito dá para suas experiências é matéria, tanto para a pesquisa, quanto para a prática clínica, em psicologia.

Desta forma, é possível ter um entendimento das experiências através de dois movimentos, a aproximação e o distanciamento existencial, que permitem adentrar na vivência do outro e distanciar-se para refletir e compreender o fenômeno como tal. Isto significa que colocam-se em suspensão as teorias, preconceitos, julgamentos e valores para acessar e compreender o sujeito. Depois, volta-se às teorias para formular uma compreensão possível, articulada pela subjetividade de quem pesquisa. O método fenomenológico apresenta-se, então, à Psicologia, como um recurso apropriado para pesquisar a vivência (FORGHIERI, 2002). Neste estudo, pesquisam-se os afetos e atravessamentos que geram em mim, enquanto psicóloga e trabalhar com o plantão psicológico no âmbito da prática clínica.

Trata-se de um estudo teórico, no qual minha subjetividade, enquanto pesquisadora, guiará as perguntas elencadas nos encontros. Vale ressaltar que, devido a pandemia pelo COVID-19, os atendimentos precisaram ser interrompidos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo do método fenomenológico, a presente pesquisa trata de um percurso teórico diante das afetações geradas no atendimento clínico na modalidade de plantão psicológico. Os atendimentos realizados até aqui me permitiram levantar infindáveis questionamentos e reflexões, diria até que existenciais, que dialogam com a teoria estudada. A modalidade de plantão valoriza que o serviço seja aberto à comunidade, sem hora marcada, procurado por livre demanda. A procura por livre demanda favorece o aparecimento da diversidade e singularidade das demandas psicológicas, o que contribui significativamente com as políticas públicas, visto que esta apoia a oferta de serviços e dispositivos que assistem à população. Por ser o plantão um espaço de acolhimento no momento em que se busca ajuda, os desafios encontrados estão exatamente em não saber a demanda que o outro traz. É estar preparado para o que vier e o desafio está em como poder acompanhar, acolher e escutar da melhor forma possível aquele que busca o serviço. Logo, não há um roteiro ou perguntas pré-determinadas, mas posturas facilitadoras para que a pessoa se apresente, de acordo com seus limites e necessidades, compartilhando seus problemas e quais as dificuldades de lidar com eles (ROCHA, 2011).

Ao me colocar disponível a acolher o outro a partir do seu referencial, isto significa que o processo, que ocorre dentro de uma sessão terapêutica, vai além dos meus saberes, interpretação e teoria; é um encontro em que me coloco em total atenção a tudo que surge. Esse modo de fazer psicologia, me permite sentir



a situação e o mundo experiencial que traz uma sensibilidade e compreensão do outro em todos os seus aspectos pautados no diálogo e na relação como atesta HOLANDA, (2014). Na prática clínica, esse movimento se estabelece no campo da intersubjetividade, possibilitando que os afetos aconteçam promovendo um processo transformador, e é essa relação que o plantão potencializa. O terapeuta/plantonista se torna uma companhia, que caminha lado a lado pelas ruelas do mundo interno do outro. Está como agente e espectador da mudança e movimento que o sujeito faz, observando e acompanhando o desenvolvimento e crescimento do outro, fomentando a autonomia. É necessária uma atenção ao que vai acontecer, mesmo que não estejam claras a demanda e a condição do sujeito, pois estar atento é considerar o outro em sua totalidade e acompanhar os movimentos desse encontro. Essa atenção facilita o processo e aposta no movimento e nas possíveis manifestações que constituirão dessa relação (MAHFOUD, 1989).

A relação, sujeito/plantonista, constituída no plantão é entendido por MAHFOUD (1989) como um terceiro elemento, pois permite um movimento em que o sujeito elabora sua condição e o plantonista sustenta um lugar de não saber, para acompanhar o fenômeno que se apresenta e seus significados. Há uma sustentação da angústia do não saber, que causa uma sensação de estranheza, tensão e desconforto, mas que facilita o processo de continuar a apostar no outro. Isto é, lançar-se para o desconhecido confiando no movimento com o outro pois, “só na experiência de um encontro, só em companhia, aceitamos enfrentar o medo do risco” (MAHFOUD, 1989 p. 547). Ao fazer esse movimento de convidar o outro a conhecer e apresentar seu universo e significados que atribui a ele, o vínculo acontece.

Através do encontro, o outro me mostra o seu mundo ao mesmo tempo que conhece lugares que até então eram desconhecidos ou dos quais existia um certo medo/ resistência em adentrar. Para o encontro acontecer, eu preciso ouvir realmente. A escuta, a partir da fala do outro, me afeta e me atinge, consequentemente, faz com que eu precise tomar uma posição. O que o outro me fala tem a ver com ele, mas existe uma intersecção por vivermos no mesmo mundo e é por esse fato que posso acessar seu mundo a partir da escuta. E por ouvir de forma tão profunda, essa aproximação nos conecta com nosso próprio mundo levantando alguns questionamentos internos que precisam ser identificados e cuidados (AMATUZZI, 2008).

Para além da Psicologia, podemos encontrar na literatura o desafio e a potência do encontro. Um desafio, encontrado nos atendimentos, pode ser ilustrado pelas palavras de Rilke (1929 p. 27) quando aconselha a um jovem poeta: “voltar-se para si mesmo e sondar as profundezas de onde vem a sua vida”. Enquanto estagiária de psicologia clínica, preciso desenterrar de mim mesma a resposta mais profunda para o medo que tenho de não ouvir plenamente o outro ou das incertezas - se realmente estou acessando/acompanhando seu mundo e permitindo me afetar. O foco da escuta volta-se para o mundo vivido da pessoa através da intercomunicação, acompanhando-a e compreendendo como as coisas se apresentam para ela. Diante dos desafios, reflexões e questionamentos encontrados nesta pesquisa e nas experiências do plantão psicológico, conforto-me, novamente, nas palavras do poeta Rilke, “para ter paciência em relação a tudo que não está resolvido em seu coração. Peço-lhe que tente ter amor pelas próprias perguntas. Não investigue agora as respostas que não lhe podem ser dadas, porque não poderia vivê-las” (RILKE, 1929 p.42)



4. CONCLUSÃO

Como posso compreender, ou até mesmo mensurar o sofrimento que me é trazido nos atendimentos, se eu não me inserir na visão de mundo e nos significados que o sujeito dá a sua existência? Se meu movimento for apenas de compreender esses sentimentos a partir da minha vivência ou dos significados que eu atribuo a eles, não compreenderei o outro, ou seja, me distancio da empatia que julgo desenvolver. Para isso, é fundamental trabalhar em dois sentidos: ampliar a sensibilidade, a capacidade de encontro, e aprofundar a dimensão teórico-metodológica que sustenta a prática clínica na perspectiva escolhida.

As reflexões, questionamentos e a formulação de algumas respostas são uma parte da investigação aqui apresentada, como forma de compartilhar as vivências de uma pesquisadora e estagiária em formação. Escrever sobre as afetações vivenciadas na clínica me aproxima do outro, sendo este um movimento positivo na relação com meus pacientes, deixando o encontro mais favorável para o desenvolvimento deles na busca de encaminhamento para suas demandas. Esta forma de fazer psicologia nos convida ao autoconhecimento a nível existencial, eu diria, descobrindo questões que pertencem ao campo individual, mas que são produzidas também em nível coletivo. Nesse sentido, é preciso ter paciência para viver o agora das perguntas, pesquisando e permitindo-me afetar.

5. REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martins. **Por uma psicologia humana**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008. 2ª edição.

CURY, V. E. (1999). Plantão psicológico em Clínica Escola. Em M. Mahfoud (Org.). **Plantão Psicológico: novos desafios** (p. 115-116). São Paulo: Companhia Ilimitada.

DANTAS, J. B.; DUTRA, A. B.; ALVES, A. C.; BENIGNO, G. G. F.; BRITO, L. DE S.; BARRETO, R. E. M. Plantão psicológico: ampliando possibilidades de escuta. **Revista de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 232-241, 30 jul. 2016.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas**. Pioneira, 2002.

HOLANDA, Adriano Furtado. **Fenomenologia e Humanismo: reflexões necessárias**. Curitiba: Juruá, 2014 p.146-180.

MAHFOUD, Miguel. O Eu, o Outro e Movimento em formação. **Anais da XIX Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: SPRP, 1989, p.545-549.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ROCHA, Maria Cristina. Plantão psicológico e triagem: aproximações e distanciamentos. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 119-134, 2011.